

TRANSPLANTE DE PENAS NA REABILITAÇÃO DE AVES

IV Wildlife Clinic Congress, 1ª edição, de 29/06/2023 a 30/06/2023

ISBN dos Anais: 978-65-5465-034-2

JUNIOR; Roberto Gumieiro¹, OLIVEIRA; Mayara Marins², CHAVES; Isis Cleópatra Coelho³, SILVA; Lorena Eduarda Feitosa Ferrarezi da⁴, GRITZENCO; Júlia das Graças⁵, VIEIRA; Fernanda de Paula Roldi⁶

RESUMO

As penas distinguem as aves de outras classes animais, conferindo auxílio no voo, isolamento térmico, impermeabilização, camuflagem e comunicação. Danos nessas estruturas são comuns por diversos fatores, comprometendo a recuperação de animais em cativeiro. Ao perder uma pena ou parte dela, forma-se uma lacuna que deixa as adjacentes frágeis e sujeitas à quebra. O transplante de penas ou *imping* é uma técnica que permite o reparo da plumagem danificada através da implantação de novas penas, protegendo as demais e auxiliando no retorno da capacidade de voo antes da próxima muda. O método é utilizado principalmente com aves de rapina, mas já mostra resultados satisfatórios em outras espécies. Dentre os diferentes tipos de penas que compõem a plumagem das aves, o *imping* é realizado principalmente nas rêmiges (penas de voo das asas) e nas retrizes (penas da cauda), que possuem hastes suficientemente calibrosas para a fixação da pena transplantada. A existência de um banco de penas ou plumoteca é importante para garantir a disponibilidade de peças que possam ser úteis em cada caso, podendo ser adquiridas de aves em muda ou em carcaças, dispensando-se o uso de peças sintéticas. Seleciona-se penas íntegras e saudáveis, livres de ectoparasitos ou danos que possam prejudicar a aerodinâmica. Não há um protocolo para o armazenamento e manutenção do catálogo no Brasil, porém esta etapa é um fator crítico para o sucesso do transplante. Alguns cuidados são importantes para manter a integridade das estruturas, garantindo que mantenham sua forma e funcionalidade, já que podem sofrer danos externos, como por insetos queratinófagos. Recomenda-se a higienização e secagem das penas após a coleta, evitando produtos com álcool e detergentes. As peças podem ser organizadas em caixas, coladas com fita adesiva pelo cálam, devidamente identificadas e numeradas, preservando sua sequência e dispostas anatomicamente, além de registrar a data e dados do doador como a espécie, sexo e idade. É importante que a pena a ser implantada seja correspondente à pena danificada, de acordo com sua numeração, além de envolver indivíduos da mesma espécie. Para execução da técnica é necessário que pelo menos 2,5 cm de haste esteja preservada. Com o animal sob sedação, deve-se aparar as penas para ajustar as medidas a um tamanho compatível, realizando cortes para deixar uma abertura na haste receptora e outra na haste doadora. Desta forma, é possível inserir uma agulha cirúrgica, palito de madeira ou até a haste de outra pena para unir ambas. O uso de cola a base de resina epóxi ou cianoacrilato dará sustento ao encaixe, isolando-se a pena manipulada com papel para evitar que a cola escorra na plumagem adjacente. Após a secagem o animal deverá ser observado por 24 horas para assegurar a fixação adequada. Considerando que danos em penas são recorrentes na clínica de aves, é importante que bancos de penas sejam implantados e padronizados em mais instituições que lidam com a reabilitação desses animais, para melhorar o aporte do médico veterinário ao lidar com esta condição. (resumo - sem apresentação)

PALAVRAS-CHAVE: Falcoaria, Imping, Plumoteca, Voo

¹ Universidade Estadual de Maringá (UEM), rgumieirojunior@gmail.com

² Universidade Estadual de Maringá (UEM), marins.may@gmail.com

³ Universidade Estadual de Maringá (UEM), isis.chaves3@gmail.com

⁴ Universidade Estadual de Maringá (UEM), lorenafeitosaferrarezi@gmail.com

⁵ Universidade de Brasília (UnB), juliagritzenco@gmail.com

⁶ Universidade Estadual de Maringá (UEM), fernandaroldi@hotmail.com